

Resumo: Neste artigo apresento informações relacionadas aos Sanapaná, povo Maskoy que vive na região do Chaco paraguaio. Tais informações estão divididas em duas partes específicas e são resultado de uma viagem que realizei à Comunidade Sanapaná La Esperanza – localizada próximo ao município de Loma Plata – em meados de 2009. Na primeira parte do artigo constam informações sócio-lingüísticas do referido povo e, na segunda parte, constam minhas primeiras impressões relacionadas a aspectos fonéticos da língua Sanapaná, com ênfase nos segmentos vocálicos e consonantais. Por se tratar de uma língua classificada geneticamente como membro da família lingüística Maskoy e da pouca existência de informações a esta relacionada, seja de ordem sociolingüística ou mesmo antropológica, traço, na primeira parte do artigo, um amplo panorama da situação sociolingüística e cultural, cuja abrangência envolverá referência aos trabalhos lingüísticos existentes acerca de línguas que constituem a família Maskoy; o povo Sanapaná e sua relação com os demais povos Maskoy. No caso do povo e da comunidade em questão, faço uma breve incursão nas relações sociais e geográficas destes.

Palavras-chave: Sanapaná, línguas indígenas, fonética.

***Abstract:** The aim of this paper is to show some sociolinguistic information related to the Sanapaná people who live in the region of the Paraguayan Chaco. The information presented on this paper is divided into two sections and is the preliminary results of my first trip to the La Esperanza Community, realized on August-2009. On the first section of the paper there is socio-cultural information related to the Sanapaná people, and in the second section there are some notes on the Sanapaná phonetics, with special emphasis in the vocalic and consonantal segments. As a language genetically related to the Mascoyan Family and because the small amount of information existing about this linguistic group of languages in*

¹ O conteúdo apresentado ao longo deste artigo, redigido em 2009, é parte integrante de um conjunto mais amplo de informações de cunho sociolingüístico e descritivo que apresentarei em minha Tese de doutoramento prevista para o primeiro semestre de 2011.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas sob orientação da professora Lucy Seki. Contato: a2sg@bol.com.br. Gostaria de agradecer aos Sanapaná da Comunidade 'La Esperanza', particularmente a Nico Gonzáles e Valério Chaves, que me acompanharam quase que ininterruptamente durante minha estadia na referida comunidade. A viagem da qual apresento alguns resultados aqui foi possível graças ao apoio irrestrito de Eva-Maria Roessler e Maria Luisa Andrade, a quem agradeço (sempre) imensamente.

sociolinguistical and anthropological terms, I make in the first part of this paper an overview of the academic works related to the Mascoyan linguistic group. In this sense, it is possible to find on this paper some references to the linguistic works about Maskoyan group, about the Sanapaná people with its social-cultural context, and about its relation with geographical space.

Keywords: *Sanapaná, indigenous languages, phonetics.*

INTRODUÇÃO

O Paraguai, tradicionalmente conhecido como um país bilíngüe, apresenta, na verdade, uma variedade de línguas, especialmente na região central do país, mais conhecida como Chaco, usualmente dividida em duas partes : a região oriental, à direita do rio Paraguai e a região ocidental, à esquerda do mesmo rio.

Considera-se que há atualmente no Paraguai um total de 15 línguas e aproximadamente 30 dialetos. De acordo com Zarretea , a diversidade de línguas encontrada no Paraguai pode ser considerada conforme a origem genética das mesmas. Nesse caso, tem-se o bloco americano, o bloco europeu e o bloco asiático. O bloco americano é composto por cinco famílias lingüísticas: 1) Zamuco, na qual se encontram as línguas Ayoreo e Yshyr; 2) Mataco, com as línguas: Nivaklé, Makä y Choróti; 3) Maskoy, integrada pelas línguas Lengua Norte, Lengua Sur, Angaité, Guaná, Sanapaná y Toba-Maskoy; 4) Guaicurú e 5) Avá-Guaraní, que reconhece sete línguas dentro do Paraguay: Paĩ-Tavyterä, Ava-Katueté, Mbya-ka'ygüä, Aché-Guayaki, Guaraní-Ñandéva, Chiriguaná ou Guarayo e Guaraní Paraguayo. O bloco europeu está representado pelo Castellano, Português, Alemão (dialeto Platoich), Russo, Ucrainiano e Polonês. O bloco asiático está representado pelo Japonês, Coreano e Chinês.

A população indígena atual do Paraguai, conforme informativo da Asociación de Servicio de Cooperación Indígena Menonita, é de aproximadamente 25mil habitantes, divididos em nove etnias diferentes. Além dos povos indígenas, convivem no Chaco Paraguaio povos germano-paraguaios, latino-paraguaios, brasiguaios, argentinos, dentre outros.

O povo Sanapaná vive na região central do Chaco Paraguai, nas proximidades do município de Loma Plata, sudeste do departamento de Presidente Hayes. A referida região, também denominada Gran Chaco, é uma grande área de planície com características próprias que se estende, além do Paraguai, à Argentina e à Bolívia, e tem suas fronteiras a oeste com as Cordilheiras dos Andes, ao sul com a Bacia do Rio Salado, a leste com os rios Paraguai e Paraná e a norte com a bacia de Mato Grosso. No geral, considerando-se os povos que vivem ao longo desta região, o grande problema é a água, abundante nos poucos meses de inverno e ausente nos demais meses do ano.

O clima do Gran Chaco é influenciado por duas correntes de ar completamente adversas. De um lado as correntes de ar frio advindas do sul da América do Sul. De outro, as correntes de ar quente advindas do norte da América do Sul. Em virtude dessas duas correntes de ar, há variações bruscas de temperaturas, principalmente nos meses de junho a agosto. Em meses posteriores a agosto, podem-se atingir temperaturas superiores à 40°C.

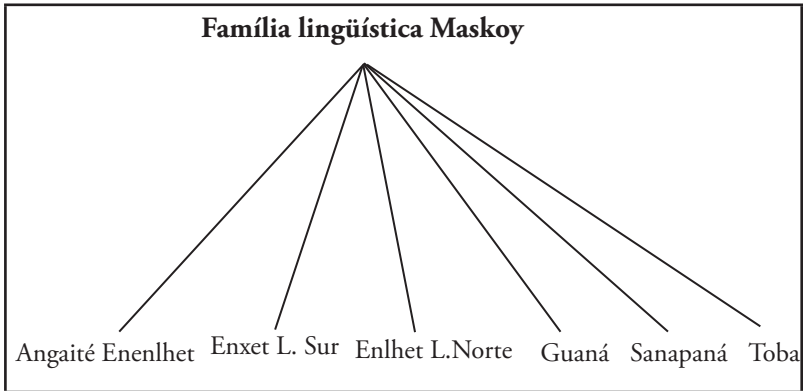
Este artigo está dividido em duas partes específicas. Na primeira parte apresento informações sociolingüístico-culturais sobre os Sanapaná, e na segunda parte faço referência aos segmentos vocálicos e consonantais da mesma.

I. A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA MASKOY

A família Maskoy aparece em algumas fontes sob a denominação Enlhet-Enenlhet.³ Em termos de origem, segundo Fabre (2005), o grande número de gentílicos que aparece nas fontes coloniais torna difícil a identificação dos vários nomes de povos indígenas com os povos Enlhet-Enenlhet atuais. Entretanto, conforme Fabre (op. cit.) tudo indica que os ancestrais Enlhet-

³ Unruh e Kalisch (2003), Romero (2003), Fabre (2005). Essa denominação diferencia-se da comumente aceita no âmbito científico por estabelecer seis línguas para a família e não cinco, como em Adellar (2004) e em www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay. Como ainda não tenho condições suficientes para questionar o uso de um ou de outro termo, adoto, ao longo deste artigo, a nomenclatura mais conhecida no âmbito científico (Maskoy).

Enenlhet viveram na região do Chaco paraguaio, no território que compreende as margens do Pilcomayo até o Chiquitanía. Os primeiros contatos com a sociedade não indígena se deram, segundo Susnik (1987) no fim do século XVIII. A configuração atual para a referida família lingüística apresentada por Unruh e Kalish é ilustrada abaixo:



As seis línguas que constituem a família lingüística Maskoy – Angaité (enenlhet); Guaná (enlhet); Enlhet (Lengua norte); Enxet (Lengua sur); Sanapaná e Toba-maskoy⁴ (Enenlhet) – são faladas na região central do Chaco paraguaio. Essa região, desde períodos pré-colombianos, é habitada por povos com uma tradição economicamente nômade ou seminômade, baseada na caça, coleta de frutas, pescaria, e agricultura sazonal. Contudo, “com a chegada de povos não indígenas no último século e o controle territorial exercido pelo estado, muitos indígenas tornaram-se sedentários” (Braunstein e Miller, 1999).

Conforme a localização geográfica no *Gran Chaco*, estão as línguas Maskoy subdivididas em dois grandes grupos: (i) grupo ocidental representado pelos povos guaná e toba (norte) e angaité e sanapaná (sul) e (ii) grupo oriental representado pelos povos enlhet e enxet, conforme ilustrado no mapa a seguir:

⁴ “Los Toba muchas veces son llamados Toba-Maskoy para distinguirlos de los Toba-Qom pertenecientes a la familia guaycurú. Nombres alternativos son usados para referir-se a las lenguas Angaité (enenlhet); Enxet (Lengua Sur); Guaná (Kashika, Vana); Sanapaná (nenlhet); Toba-maskoy (enenlhet)” (Fabre, 2005).



Fonte: Unruh, E & Kalisch, H. 1999

Um panorama mais amplo, porém não tão atual, acerca dos povos que constituem a família lingüística Maskoy encontra-se no “Atlas de las Comunidades Indígenas en el Paraguay” (Censo 2002), onde constam informações relacionadas à localização, à população e à situação de cada um dos povos e respectivas línguas. No referido CENSO, se pode observar, dentre outros, (1) o fato de que os povos em questão estão distribuídos basicamente na região de Presidente Hayes, Boquerón e Alto Paraguai; é possível encontrar povos de outra filiação genética vivendo entres estes povos, Nivaclé, por exemplo, que pertence geneticamente à família lingüística Mataco Mataguayo; (3) é bastante elevada a porcentagem de povos Maskoy que já não utilizam suas línguas maternas como meio de comunicação. Relacionado a (3), há casos, inclusive, em que a língua Guarani, juntamente com o Espanhol, tornou-se o único código comunicativo. Fabre (2005), baseado em dados do Censo (2002), afirma que dos muitos povos que se declaram falantes de línguas Maskoy alguns apresentam um alto grau de perda lingüística, a ponto de desconhecer o próprio idioma de seus ancestrais.

Diante de um cenário tão antagônico, pode-se citar um caso bem sucedido de resistência à aculturação, praticamente imposta pelo meio externo. Trata-se do povo Enxet que, “apesar de mais de um século de colonização, exploração e doutrinação religiosa, tem se esforçado em manter sua tradição” (Kidd,1999).

No caso específico dos Sanapaná, os aproximadamente 50% que ainda utilizam sua língua materna como meio principal de comunicação vivem na comunidade La Esperanza ou na comunidade Anaconda.

Para Unruh e Kalisch (2001) os povos que constituem a família lingüística Maskoy resultam atualmente de uma forte miscigenação entre si. Os autores citam, por exemplo, a região do Riacho Mosquito, onde vivem toba, guaná, angaité, sanapaná e enxet. Tal fato propicia, certamente, uma reconfiguração lingüística para essa família, de modo que, conforme Unruh e Kalisch (2003), os seis idiomas apresentam atualmente grandes semelhanças lexicais, morfológicas e sintáticas.

1.1. Trabalhos lingüísticos sobre a família Maskoy

O conhecimento que se tem das línguas que constituem a família lingüística Maskoy é reduzido e opaco . Apesar de se tratar de um conjunto de seis línguas, há pouca coisa confiável no que pese valor científico. As fontes de onde se pode extrair alguma informação acerca da estrutura lingüística Maskoy são Susnik (1958, 1977, 1987) relacionado a Lengua, e Unhur e Kalish (1999, 2001, 2003), especialmente relacionados à língua Enlhet; além de uma lista de entradas lexicais de Loukotka (1930). Em Susnik as informações são confusas, pouco elucidativas e em Unhur e Kalish se tem informações que privilegiam aspectos sociolingüísticos, especialmente relacionados aos Enlhet.

Em todos os trabalhos de Susnik, não há sistematização das informações lingüísticas. Em informações relacionadas à sílaba em Lengua (atualmente conhecidas como Lengua Norte e Língua Sul), por exemplo, em trabalho de 1958, a autora faz referência a sílabas breves e a sílabas plenas, sem, contudo, especificá-las conforme suas características lingüísticas. O argumento utilizado

para justificar tal distinção é o fato de o primeiro grupo apresentar uma dupla flexão vocálica *kyip*, *kyáp*, *síp*, *sáp* e o segundo grupo apresentar vogais prolongadas *típ*, *tëyïn*.

No que se refere à sentença, a autora afirma que a principal característica das línguas Maskoy é a posição central que o predicado assume, fato que vem passando por mudanças; não há uma incorporação pronominal do sujeito e do objeto em uma palavra verbal. Além disso, a autora afirma que os verbos se distinguem por três aspectos funcionais (i) a categoria da presença - afirmativo, presente, 1ª série de prefixos pronominais; (ii) a categoria da não presença – não concreto, a concretizar-se, negativo, futuro, 2ª série de prefixos pronominais; (iii) a categoria de absoluto – imperativo, 2ª série de prefixos pronominais, disposição (*-wâncî*, *ëmiñêyî*), suposição (*kyïnaikyî* : *ankok*) e intenção (*kyïnaikyî* : *antloxo*).

Futuro *sat/saat/saatá* e negação *m-...-ak* e *m-...-e* manifestam, conforme Susnik (1977), um comportamento gramatical uniforme, uma vez que omitem todos os denominadores verbais implícitos no enunciado.

Em trabalhos das décadas de 1970 e 1980, Susnik faz referência a alguns verbos posicionais, aos quais chama estativos, e os agrupa em quatro subconjuntos: (i) estar sentado/asentado; (ii) estar deitado, (iii) estar e pé (com o índice assertivo: *-êyî*); (iv) faz referência simplesmente ao fato de alguma pessoa estar em algum lugar, o que parece não muito adequado a classificação deste subconjunto como verbo posicional. Normalmente, conforme a autora, (i) vem sempre acompanhado do denominador evidencial *-aiyî* / *-àe* / *-a:e*). Ainda relacionado aos verbos, Susnik refere-se a causativos e a tempo. Distinguem-se dois tipos de causativos: causativo direto *ascî* / *escî* / *oscî* (indica que o sujeito atua como agente sobre o causado) e causativo indireto *-kîs* / *-cîs* (não implica necessariamente que o sujeito seja o agente da ação). Tempo não é considerado conforme sua duração, mas tão somente o momento em que transcorre o enunciado. Nesse sentido, algo que acontece anterior ou posteriormente ao momento do enunciado pode ser marcado por advérbios.

Outra característica mostrada por Susnik é o uso de pronomes pessoais e de prefixos pronominais, cujo sistema pronominal nunca realiza o pronome de terceira pessoa. O sujeito é indicado nominalmente ou encontra-se definido contextualmente pelo prefixo pronominal correspondente. Comparando-se Lengua às demais línguas chaquenas, Susnik afirma que os Lengua distinguem gênero masculino de gênero feminino na segunda e terceira pessoa, mas nunca na primeira pessoa. No caso dos nomes, as maiorias são naturalmente masculinos ou femininos. Aqueles que não o são, definem-se a partir do uso das formas *kilnawa* – macho; *kilana* – fêmea.

Ainda conforme os trabalhos de Susnik, os Lengua empregam com pouca frequência a voz passiva. O condicional se dá, basicamente, com as partículas de suposição *ankok* – se/quando; e *antlôho* – se há dúvida, incerteza.

No caso dos trabalhos de Unruh e Kalisch (1999, 2001, 2003), pode-se pressupor para a língua Enlhet, por exemplo, um sistema de fonemas conforme apresentado abaixo:

Quadro 1: Fones Consonantais							
	bilabial	labio-dental	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p		t			k	ʔ
Nasal	m		n			ŋ	
Fricativa			s	ʃ			h
Fric. Lat.			ɬ				
Aprox.		w			j		
Aprox. Lat.			l				

Quadro 2: Fones vocálicos (Fonte: Unruh & Kalisch, 1999)			
	anterior	Central	posterior
Média baixa	e		
	ɛ		ɔ
		ɐ	
Baixa		a	

Ainda se referindo aos fones vocálicos, Unruh e Kalish (1999) afirmam que Toba é o único dos seis núcleos lingüísticos que evita sistematicamente o alargamento de vogais. No que se refere à sílaba, afirmam os autores, em Enlhet há somente sílabas do tipo CV(C).

Em trabalho de 1998, Unruh e Kalisch, ao se referir ao Dicionário Enlhet “Moya’ansaelha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet”, apontam alguns problemas para a questão de separação de palavras. Segundo os autores, definir a separação de palavras em Enlhet levanta algumas questões, por exemplo:

- (1) Escrever sem separar as palavras respectivas (apquetcalhnec naat) não funciona, uma vez que dificulta o reconhecimento das mesmas.
- (2) Escrever separando segundo sílabas (apquetcalh nec naat) não funciona porque cometer-se-ia o erro de separar raízes, naturalmente inseparáveis.
- (3) Escrever separando segundo palavras morfológicas (apquetca lh nec naat), foi a opção adotada pelos autores no dicionário “Moya’ansaelha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet”. Essa opção, contudo, conforme os autores, tem a desvantagem de dar a impressão errônea de que as palavras que aparecem isoladas podem ser produzidas isoladamente, o que é impossível. Referem-se, por exemplo, à formas como lh nec, que nunca aparecem isoladamente.

Ao se referir à classe dos nomes, Unruh e Kalisch (1998) afirmam que os nomes Maskoy se caracterizam por sua relacionalidade inerente, expressa por um prefixo pronominal. Com o exemplo em (1) apresentado abaixo, os autores mostram que o prefixo refere-se ao evento denotado pelo nome, no caso do nome monovalente. No caso do nome bivalente (2) o prefixo refere-se a um possuidor. Para os autores, a natureza relacional do nome determina que este só pode ser empregado de forma predicativa. Este argumento é utilizado como evidência de que as línguas Maskoy podem ser qualificadas como “omnipredicativas” (Unruh e Kalisch, 1998).

1) *¿Ang-vet-’aa ya ng-ke’apa lhka-ak?* (Enlhet)

fem.a-ver:3.ps.-factivo Part.pred:INT fem.b-(ser)anciana Part.pred:pas reciente
 ‘¿Vos (fem.) has visto a la anciana que recién estaba?’

Literalmente: ¿Vos (fem.) la has visto? Ella era una anciana.

2) *Marta ng-ken’ ang-ke’apa ng-ken’* (Enlhet)

fem.a:Marta fem. a-(ser) madre de fem.a-(ser) anciana fem. a /b-(ser) madre de
 ‘La madre de Marta’ a-a) ‘la madre de la anciana’

Literalmente: Es Marta, es su madre. a-b) ‘Su madre es anciana.’

Ao se referir à classe dos verbos, Unruh e Kalisch (1998) afirmam que esta classe constitui-se uma expressão completa, já que codifica as informações sobre o predicado e todos os seus argumentos, característica das línguas polissintéticas. As informações presentes no predicado, acrescentam os autores, indicam, dentre outras, a estreita relação semântica e formal entre categorias aspectuais, direcionais e posicionais.

Afora os trabalhos lingüísticos acima mencionados, há trabalhos de cunho etnográfico, e que não comentaremos nesta ocasião. A quem interessar possa, trata-se de trabalhos onde se podem encontrar informações sobre aspectos socioeconômicos e culturais, dentre os quais cabe citar Zanardini e Biedermann (2006), Fabre (2005), Adellar (2004).

1.2. O povo Sanapaná

Sanapaná é a forma mais utilizada para referir-se ao povo homônimo, cujo número oficial é 2.271 (Censo, 2002). É, também, a forma utilizada pelos próprios índios como auto-referência (*sanapana payvoma/povo sanapaná*). Contudo, há outras formas também relacionadas a este povo, tais como *Saapa'ang* e *Kasnapan*, termos utilizados pelos Enxet e pelos Guaná, respectivamente, para se referir aos Sanapaná localizados ao sul da região chaquenha. Aos Sanapaná localizados na parte norte, os Enlhet chamam *Kelyámok*. Além destas, pode-se encontrar, conforme Fabre (2005), outros nomes cujo referente é o povo Sanapaná, tais como *kyisapang*, *sanam*, *sapukí*, *lanapsua* e *quiativis*.

O contato ocorrido com as sociedades não indígenas entre os povos Maskoy no século XVIII só viria a ocorrer na primeira metade do século XX entre os Sanapaná. Amarilla (2006) indica os anos de 1940 como o período em que se deu o contato desse povo com as comunidades não indígenas. O referido contato, que se mostrou uma nova forma de vida, trouxe conseqüências nem sempre positivas ao referido povo. Na verdade, conforme a autora, o povo Sanapaná teve que se submeter, sem que se desse conta, a uma cultura distinta da sua. Como se pode observar, o período do primeiro contato dos Sanapaná com povos não indígenas não é consenso entre os antropólogos que tratam do tema. Zanardini e Biedermann (2006), por exemplo, afirmam que em 1850 os Sanapaná estavam próximos ao rio Paraguai, em sua confluência com o Riacho Alegre, para negociar com os brancos pele de animais silvestres, alguns produtos agrícolas, dentre outros. Ainda no século XIX, conforme Zanardini e Biedermann (*op. cit.*), sabe-se do envolvimento de índios Sanapaná com prestação de serviços a empresas do Alto Paraguai.

Atualmente, os vários grupos Sanapaná encontram-se em situação bastante diversificada. Há grupos que possuem terra própria, como os que vivem na Comunidade Anaconda, Comunidade Santo Domingo e Comunidade La Esperanza, por exemplo. Há grupos cujo direito á terra ainda encontra-se

em processo de oficialização junto ao Governo Paraguaio, como no caso dos povos que vivem na Comunidade Puerto Colón e Comunidade Santa Maria e há grupos cujo direito a terra própria ainda não foi reconhecido pelo Governo, como no caso daqueles que vivem na Comunidade La Hamonía.

Em termos gerais, o que há em comum ao povo Sanapaná (e aos outros povos Maskoy) é a presença de alguma instituição religiosa em suas terras. Destaca-se, por exemplo, o caso daqueles que vivem na Comunidade La Esperanza, atendidos pelos Menonitas da Associação Social de Cooperación Indígena Menonita (ASCIM) e daqueles que vivem na Misión La Patria, atendidos por missionários Anglicanos. Ademais, há o fato de que em várias comunidades os Sanapaná convivem com outros povos Maskoy, especialmente os Angaité, o que propicia uma miscigenação entre os mesmos, a ponto de dificultar ao pesquisador a concepção de aspectos distintivos entre ambos.

1.2.1. Algumas informações socioculturais dos Sanapaná

Até os primeiros contatos com as sociedades não indígenas, os Sanapaná viviam de atividades relacionadas à caça e à pesca. Os homens produziam os próprios utensílios utilizados nas atividades de subsistência. As mulheres, dentre outros, se ocupavam com a confecção de derivados de tecidos (bolsas, redes, mantas, etc.) e de cerâmica (pratos, urnas de barro cozido, etc.). No âmbito musical, conforme Zanardini e Biedermann (2006), construíam artesanalmente seus próprios instrumentos, tais como flautas, tambores, violinos feitos de *samuú* (*Chorisia insignis*).

No que confere aos aspectos espirituais, ressalte-se a crença na onipresença de seres sobrenaturais, referentes especialmente à alma dos mortos. Nesse caso, distinguem-se duas formas específicas do que se pode considerar sobrenatural acerca da cultura Sanapaná: (i) a alma dos mortos que se materializa através de pássaros e/ou outros animais e (ii) de uma alma que vive em uma espécie de reino dos mortos e observa os povos agricultores.

1.2.2 *Os Sanapaná de La Esperanza*

Apresentamos aqui algumas informações sociolingüísticas relacionadas aos Sanapaná da Comunidade La Esperanza. Este povo, como dito anteriormente, encontra-se sob juízo religiosa dos missionários da ASCIM. Culturalmente, no lugar de cantos, danças, ritos, etc. o que se encontra é a visão cosmológica implementada pelos missionários que vivem com o referido povo. Como consequência, se pode dizer que o conhecimento tradicional, tal qual entendemos (histórias tradicionais, canto, dança, ritos), raramente é transmitido às crianças. Diante desta situação, há, contudo, um fator extremamente positivo no que se refere à manutenção do idioma materno, já ilustrado no CENSO de 2002, Sanapaná ainda é transmitido como idioma materno para praticamente todas as crianças de La Esperanza. Em termos mais precisos, se pode afirmar que 100% das pessoas que vivem na referida comunidade tem a língua Sanapaná como idioma materno. Com esse fato, se pode apostar, ao menos para a próxima geração, que se trata de uma língua com baixo risco de extinção, especialmente pela aquisição crescente de uma concepção de preservação e valorização da língua como identidade própria do povo.

Apesar de normalmente dominarem como segunda língua as duas línguas oficiais do Paraguai – Espanhol e Guaraní –, na prática conversacional do dia a dia o que se percebe é o uso irrestrito da língua materna como meio de comunicação. Dentro da própria comunidade, portanto, se pode afirmar que o uso desta língua é universal, garantido, sobretudo, por um posicionamento das lideranças indígenas cujo objetivo é a valorização e utilização irrestrita da mesma. Uma exceção a esse cenário vem do âmbito escolar, em que a presença de professores não indígenas propicia a utilização das línguas oficiais da nação como meio comunicativo. Do lado oposto está a instituição religiosa que, tendo traduzido a Bíblia, esmera-se em realizar todos os ritos religiosos (Evangélicos) utilizando-se da própria língua da comunidade.

Em contexto de contato,⁵ há pelo menos duas situações possíveis. De um lado se pode presenciar um encontro entre Sanapaná e falantes de outra língua da família Maskoy, onde haverá uma tentativa de entendimento mútuo utilizando-se, para isso, do próprio idioma dos agentes da situação comunicativa. Por outro lado, diante de não indígenas, ou de indígenas não relacionados geneticamente aos Sanapaná, o ato comunicativo certamente se desenvolverá tendo-se como meio uma das duas línguas oficiais do Paraguai. Estas línguas, principalmente o Espanhol, são também as línguas majoritárias nos meios de comunicação.

Como se trata de um povo multilíngüe, cuja língua materna é apenas uma das diversas possibilidades de comunicação, é bastante comum, após uma situação de contato com os meios de comunicação (quase exclusivamente DVD) ouvi-los tecendo comentários acerca do que viram utilizando-se, para tal, do próprio idioma. Ressalte-se, com isso, que, embora conhecidos, os meios de comunicação tradicionais, tais como TV, Internet e outras mídias, não são acessíveis ao povo Sanapaná. A situação explicitada anteriormente se dá em virtude de um professor indígena, que comprou um aparelho de DVD e um de televisão, esporadicamente os liga na área central da aldeia, para mostrar-lhes filmes ou apresentações de grupos de música paraguaia. Em ocasiões como essa, a referida área fica repleta de Sanapaná de todas as idades.

A área central da aldeia – uma sala de aproximadamente 10m2 construída com tijolos, juntamente com a escola, únicos lugares da comunidade onde há energia elétrica – é o lugar onde se reúne o Conselho da comunidade para tomar decisões, simplesmente

⁵ Situações de contato são bastante comuns entre os Sanapaná e outros povos indígenas que vivem às proximidades de La Esperanza. Essa realidade confere a este povo (e aos demais do Chaco Paraguai) uma realidade de plurilingüismo, em que cada membro da comunidade convive / domina, no mínimo, três línguas distintas (Espanhol, Guaraní e outra língua Maskoy). Vê-se, considerando-se os meios de comunicação disponíveis ao referido povo, por exemplo, que através da televisão devem adequar-se inevitavelmente às línguas oficiais do país; através do rádio devem adequar-se a outras línguas, tais como Toba, Enxet. Certamente se trata de um contexto onde muitas línguas são conhecidas e utilizadas simultaneamente, fato que pode caracterizar-se muito interessante a lingüistas diversos

conversar sobre temas diversos, guardar materiais coletivos e manufaturas produzidas (carvão especialmente), falar ao rádio com as outras comunidades indígenas, etc. Ao lado da referida área está o armazém da comunidade, lugar onde os membros da mesma podem comprar gêneros alimentícios básicos, onde está também o assessor da ASCIM. Esta é a figura intermediária entre os indígenas de La Esperanza e o mundo externo, especialmente para a realização de negócios. Além do armazém, estão nas proximidades da área central os espaços públicos de lazer, tais como o campo de futebol e o campo de voleibol, onde aos finais de semana se reúnem todos para a realização de atividades desportivas. Em ocasiões como essas, normalmente, as mulheres praticam voleibol e os homens praticam futebol. Esporadicamente, é possível ver as mulheres jogando futebol com os anciãos, o que mostra que, culturalmente, não há hierarquias diferentes para os dois sexos no que refere à prática desportiva. A área central é estratégica para os encontros dos membros de La Esperanza, já que geograficamente as casas ficam distantes umas das outras. Para se ter uma idéia da dispersão geográfica, da área central para a escola são aproximadamente 2 mil metros de distância.

Na escola da comunidade há aproximadamente 120 alunos (informações dos próprios professores), desde a série inicial até o nono ano do ensino fundamental. Estes alunos são distribuídos em dois turnos, cuidados basicamente por quatro professores. Em termos de ensino de línguas, são ensinados basicamente três idiomas: os dois oficiais do país e o idioma materno. No que se refere ao ensino do idioma materno, o que sei até agora é que há um sistema de escrita Sanapaná produzido por membros da ASCIM na década de 1960. Deste alfabeto se pode destacar:

Como se trata de um povo multilíngüe, cuja língua materna é apenas uma das diversas possibilidades de comunicação, é bastante comum, após uma situação de contato com os meios de comunicação (quase exclusivamente DVD) ouvi-los tecendo comentários acerca do que viram utilizando-se, para tal, do próprio idioma. Ressalte-se, com isso, que, embora conhecidos, os meios de comunicação tradicionais, tais como TV, Internet e

outras mídias, não são acessíveis ao povo Sanapaná. A situação explicitada anteriormente se dá em virtude de um professor indígena, que comprou um aparelho de DVD e um de televisão, esporadicamente os liga na área central da aldeia, para mostrar-lhes filmes ou apresentações de grupos de música paraguaia. Em ocasiões como essa, a referida área fica repleta de Sanapaná de todas as idades.

A área central da aldeia – uma sala de aproximadamente 10m² construída com tijolos, juntamente com a escola, únicos lugares da comunidade onde há energia elétrica – é o lugar onde se reúne o Conselho da comunidade para tomar decisões, simplesmente conversar sobre temas diversos, guardar materiais coletivos e manufaturas produzidas (carvão especialmente), falar ao rádio com as outras comunidades indígenas, etc. Ao lado da referida área está o armazém da comunidade, lugar onde os membros da mesma podem comprar gêneros alimentícios básicos, onde está também o assessor da ASCIM. Esta é a figura intermediária entre os indígenas de La Esperanza e o mundo externo, especialmente para a realização de negócios. Além do armazém, estão nas proximidades da área central os espaços públicos de lazer, tais como o campo de futebol e o campo de voleibol, onde aos finais de semana se reúnem todos para a realização de atividades esportivas. Em ocasiões como essas, normalmente, as mulheres praticam voleibol e os homens praticam futebol. Esporadicamente, é possível ver as mulheres jogando futebol com os anciãos, o que mostra que, culturalmente, não há hierarquias diferentes para os dois sexos no que refere à prática desportiva. A área central é estratégica para os encontros dos membros de La Esperanza, já que geograficamente as casas ficam distantes umas das outras. Para se ter uma idéia da dispersão geográfica, da área central para a escola são aproximadamente 2mil metros de distância.

Na escola da comunidade há aproximadamente 120 alunos (informações dos próprios professores), desde a série inicial até o nono ano do ensino fundamental. Estes alunos são distribuídos em dois turnos, cuidados basicamente por quatro professores. Em termos de ensino de línguas, são ensinados basicamente três

idiomas: os dois oficiais do país e o idioma materno. No que se refere ao ensino do idioma materno, o que sei até agora é que há um sistema de escrita Sanapaná produzido por membros da ASCIM na década de 1960. Deste alfabeto se pode destacar:

- a representação do fone [Xɬ] como *hl*

[Xɬejap] <*hleyap*>

[keXɬta] <*kehɬta*>

- a representação do fone [ŋ] como *ng*

[haŋgok] <*hangkok*>

[eraŋge] <*elangke*>

- a representação do fone [j] como *y*

[Xɬemoje] <*hlemoye*>

[koje] <*koye*>

- a representação do fone [w] como *v* ou com *u*

[wason] <*vasom*>

[akwiske] <*akueske*>

- apagamento de [k] do fone *kh*, o que gera *h*

[pekho] <*pé'ho*>

[nemakha] <*nemaha*>

As convenções citadas acima acerca do sistema de escrita Sanapaná são aquelas ensinadas no âmbito escolar. Como ainda não tive oportunidade de conhecer outras comunidades Sanapaná, não sei se esse sistema é também utilizado pelas referidas comunidades. Esta é, certamente, uma etapa importante para trabalhos futuros. Em termos gerais, todavia, se pode afirmar que há pouco material didático relacionado ao ensino de Sanapaná. Os materiais usados para ensinar esta língua, conforme relato de um ancião, são baseados na própria experiência do povo. Não há materiais confeccionados com o rigor científico, o que me permite afirmar que se trata de algo que precisa ser feito tão logo possível.

Em termos de documentação da língua e da cultura Sanapaná, se tem um panorama completamente fragmentário, que pode ser considerado sob dois tipos: (1) o conjunto de textos publicados, com destaque para Cordeu (1973), Loukotka (1930) e Amarillo (2006); e (2) breves listas de vocabulários e textos fragmentários produzidos por alguns anciãos. Inexistem gravações em áudio e

vídeo, esboço de uma gramática, dicionários, etc. No que confere ao conjunto (1), considerando-se um valor lingüístico, constituem-se informações bastante limitadas. No caso dos trabalhos de Loukotka (1930) e Amarillo (2006), apesar de se tratar de alguns textos, não apresentam informações gramaticais e, como não há informações desta natureza em outras fontes, tornam-se apenas traduções para o espanhol de histórias Sanapaná. No caso do trabalho de Cordeu (1973), tem-se apenas uma breve lista de palavras agrupadas por campo semântico.⁶

Esse breve panorama acerca da realidade/qualidade da documentação da língua Sanapaná mostra que há muito a ser feito; concepção partilhada pelos próprios membros do conselho da comunidade, que aspiram por um programa de documentação que se reflita em resultados concretos, principalmente na escola. Após minha primeira visita a aldeia, realizada em meados de 2009, criou-se uma concepção de que é necessário documentar a língua, especialmente com a produção de materiais didáticos variados que possam ser utilizados na escola.⁷

2 NOTAS SOBRE OS FONES VOCÁLICOS E CONSONANTAIS DA LÍNGUA SANAPANÁ

Nesta seção, apresento breves apontamentos sobre a fonética da língua Sanapaná. Os fones consonantais oclusivos e fricativos, como ilustrado no Quadro 03, não apresentam contrapartes sonoras. Os fones vocálicos, por sua vez, formam uma carta vocálica cujos traços de altura do dorso da língua distribuem-se em alto, médio e baixo (cf. Quadro 04).

2.1 Segmentos Consonantais

Em Sanapaná há 15 fones consonantais explodidos e 5 fones consonantais não explodidos. Em termos articulatórios, excluindo-se os nasais e os aproximantes, que são naturalmente

⁶ Ressalte-se que praticamente todas as entradas lexicais apresentadas na referida lista não correspondem ao termo utilizado atualmente pelos Sanapaná de La Esperanza.

⁷ Certamente minha concepção, como lingüista, de documentação abrange práticas / resultados bem mais amplo.s

sonoros, todos os demais fones são surdos. Ainda considerando-se os aspectos articulatórios, há que observar a ocorrência dos segmentos /k^h/ e /Xɬ/, característicos das línguas que compõem a família Maskoy.

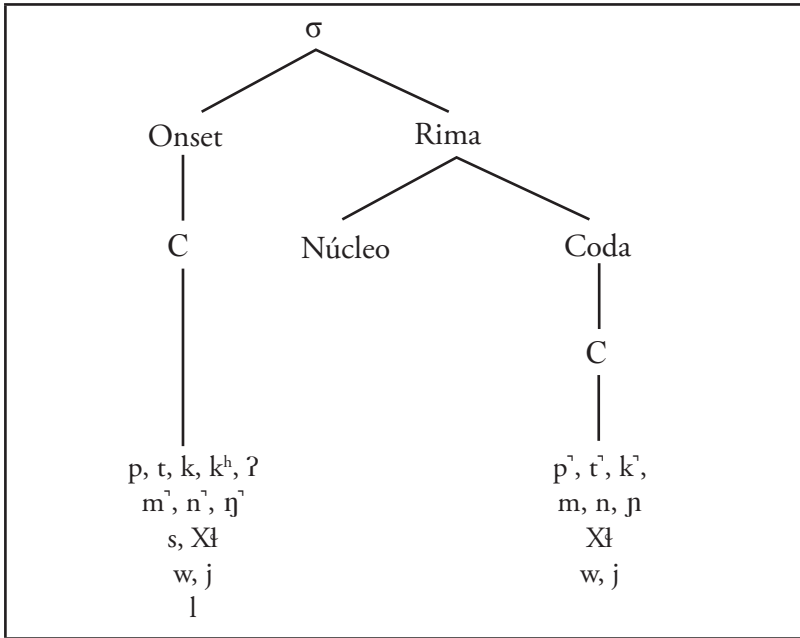
	bilabial	labio-dental	alveolar	palatal	velar	uvular	glotal
Oclusiva	p p ^ˀ		t t ^ˀ		k k ^ˀ	K ^h	ʔ
Nasal	m m ^ˀ		n n ^ˀ	ɲ	ŋ		
Fricativa			s		Xɬ		h
Aprox.		w		j			
Aprox. Lateral			l				

Os fones apresentados no Quadro 03 são únicos em seu ponto de articulação, de modo a não haver uma distinção entre fones sonoros e surdos, por exemplo. Nesse sentido, o que apresentamos abaixo se constitui apenas uma lista de palavras cuja intenção é ilustrar a ocorrência de cada um dos fones.

[p]	[peXɬeŋga]	‘formiga’
[p ^ˀ]	[ap ^ˀ ket ^ˀ ka]	‘filho dele/a’
[t]	[topaʔo]	‘botão de roupa’
[t ^ˀ]	[kanet ^ˀ]	‘dois’
[k]	[pop ^ˀ kaje]	‘planta pequena (classe)’
[k ^ˀ]	[emenek ^ˀ]	‘meu pé’
[kh]	[nekha]	‘lado’
[ʔ]	[piʔa]	‘batata’
[m]	[samamhẽ]	‘melancia’
[m ^ˀ]	[asem ^ˀ hẽ]	‘meu cachorro’
[n]	[naXɬma]	‘floresta’
[n ^ˀ]	[awan ^ˀ hẽ]	‘muito’
[ɲ]	[aɲaloa]	‘tatu’
[ŋ]	[eŋtoma]	‘comida’
[s]	[akwesuasima]	‘vermelho’
[Xɬ]	[Xɬejap ^ˀ]	‘2ª pessoa’

[h]	[jamalahak ⁷]	‘cercado’
[w]	[pawa]	‘roupa’
[j]	[jamet ⁷]	‘árvore’
[l]	[peletaw]	‘faca’

Silabicamente, os fones consonantais apresentados no Quadro 03 distribuem-se conforme ilustrado abaixo:



No caso dos fones oclusivos não explodidos, é comum que estes sejam apagados em contextos em que o fone da sílaba seguinte apresenta as mesmas características articulatórias.

[ap⁷ + paŋgoe] → [apangoe] ‘Ele mesmo’ 3P + mesmo⁸

[kanet⁷ + tenok⁷] → [kanetenok⁷] ‘dois gatos’ dois + gato

[naʔak⁷ + kelasma] → [naʔakelasma] ‘peixe’ LOC + peixe

⁸ Gramaticalmente 3P (3ª pessoa singular) atua como índice de concordância com um coreferente [+nominal]. LOC = Locativo

2.2 Fones Vocálicos

Em termos fonéticos se pode afirmar que em Sanapaná ocorrem vogais orais, vogais orais longas e vogais nasais. Esse conjunto de fones vocálicos é classificado articulatoriamente em três grupos distintos: alto, médio e baixo. Tipologicamente, se trata de um conjunto bastante comum, contudo, um fato a ser observado é a ausência de segmento alto posterior, o que impede tratá-lo como um sistema completamente simétrico.

2.2.1 Fones vocálicos orais

A língua Sanapaná apresenta sete fones vocálicos orais, distribuídos no trato oral a partir de um ponto de articulação +posterior até um ponto de articulação -posterior, sendo caracterizados de acordo com a altura do dorso da língua (Quadro 04).

Quadro 04: Fones Vocálicos Orais			
	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		
Média	e ɛ		o ɔ
Baixa		ɐ a	

No caso específico dos fones [ɐ] e [a], o segundo se realiza como núcleo de sílaba tônica e/ou qualquer outra sílaba átona que não ocupe a posição final da palavra. O primeiro fone, por sua vez, tem ocorrência restrita à sílaba átona em posição final de palavra.

Embora estejamos tratando neste artigo cada som sob um ponto de vista estritamente fonético, deve-se fazer referência ao fato de que os fones anterior alto, anterior médio baixo e posterior médio baixo tem ocorrência característica de alofones, conforme ilustrado abaixo.

[e]	~	[i]	
[aŋ]ˈkeloana]	~	[aŋ]ˈkiloana]	‘menina’

[e]	~	[ɛ]	
[akjawea]	~	[akjawɛa]	‘muito’
[o]	~	[ɔ]	
[apʰketʰkokʰ]	~	[apʰketʰkɔkʰ]	‘jovem’

Considerar o conjunto de fones [i, ɛ, ɔ] casos de alofonia em Sanapaná parece plausível a partir do julgamento dos próprios falantes acerca de ocorrências⁹ como:

- *[apʰkitʰkokʰ]
- *[Xɛjapʰ]
- *[apalɔa]

Além do exposto até então, a alteração da qualidade vocálica dos fones [e], [o] apresenta um fato sobre o qual ainda não tenho resposta: conscientemente os falantes Sanapaná reconhecem apenas estes, juntamente com [a], como aqueles que constituem o conjunto vocálico da língua. São enfáticos, por exemplo, ao negar a existência do fone vocálico [i].

Embora não tão produtivo, o abaixamento do dorso da língua atua no sentido de gerar um processo de harmonização vocálica, conforme atestado nos exemplos abaixo:

[apʰ-tameɛɔ]	‘ser bom’
[nanɛɔkʰnemʰ]	‘relógio’

2.2.2 Fones vocálicos orais longos

Os fones vocálicos orais longos em Sanapaná são [e:], [o:] e [a:], conforme ilustrado abaixo:

[e:]	[o:]	[a:]
[e:wata] ‘3-chegar’	[waXɔ:] ‘dentro’	[ta:peʔe]

Todavia, diferentemente do que atestado em 2.2.1, em que os fones orais [e], [o] permitem processos de ‘alofonia’, não há

⁹ A (in)aceitabilidade de determinadas ocorrências envolvendo a alteração vocálica dos fones [e], [o] aponta para questões de ordem morfofonológica, às quais não é nosso objetivo analisá-las no momento.

casos atestados, a partir do corpus analisado, desse fenômeno envolvendo os fones vocálicos orais longos.

2.2.3 Fones vocálicos nasais

Além dos fones vocálicos orais apresentados em 2.2.1, há em Sanapaná quatro fones vocálicos nasais.

Quadro 05: Fones Vocálicos Nasais			
	Anterior	Central	Posterior
Alta	ĩ		
Média	ẽ		õ
Baixa		ẽ	

[ĩ]	[asjeXĩ]	‘meu irmão’
	[netĩ]	‘céu’
[ẽ]	[jemẽ]	‘água’
	[semhẽ]	‘cachorro’
[õ]	[wasõ]	‘rio’
	[japõ]	‘pai’
[ẽ]	[apajomẽ]	‘falar’
	[jemẽ]	‘campo’

O que observamos nos exemplos que ilustram o Quadro 05 pode ser, na verdade, a representação da nasal velar não explodida [ŋ⁷]. Essa concepção implica necessariamente em duas questões: (i) não existiriam fones vocálicos puramente nasais em Sanapaná e (ii) o que estamos representando até então como vogal nasal seria, na verdade, vogal nasalizada por segmento nasal não explodido a partir de um processo morfofonológico que permite o espriamento de nasalidade da coda até o núcleo silábico adjacente.

Embora pareça, a partir dos exemplos acima, que o espriamento da nasalidade ocorra apenas em sílaba final da palavra, deve-se considerá-lo um fenômeno prototípico da sílaba, independentemente do ambiente em que esta ocorra dentro da palavra, como ilustrado abaixo:

[awãhe]	‘grande’
[karáto]	‘subir’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo deste artigo certamente é bastante incipiente se considerarmos que se trata de uma língua cujas informações lingüísticas a ela relacionadas são praticamente inexistentes. Constitui-se, entretanto, um passo inicial e importante, já que se trata de um povo – com sua respectiva língua – desconhecido para o meio científico. Nesse sentido, interessou-nos mostrar um pouco deste povo indígena paraguaio, sua situação atual dentro de um contexto sociolingüístico e cultural. Acreditamos que esse passo inicial evoluirá para outros mais largos e complexos, de modo que em um futuro tenhamos conhecimentos variados da língua Sanapaná e, conseqüentemente, das demais línguas que compõem a família lingüística Maskoy. Além da validade acadêmica, esses conhecimentos constituir-se-ão de extrema valia para os próprios povos Maskoy, uma vez que poderão ser utilizados como ponto inicial para a produção de materiais didáticos, para a formação de professores indígenas, para o fortalecimento da própria língua enquanto identidade. Esse é, a propósito, um anseio do próprio povo Sanapaná, incluindo professores, que se vêem diante da necessidade de fortalecer ainda mais a própria língua materna no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

II Censo Nacional Indígena de Población y Viviendas. Pueblos Indígenas del Paraguay. Resultados finales. Fernando de la Mora: Dgeec Publicaciones. 688p, 2002.

ADELAAR, W.F.H. The languages of the Chaco region: Guaicuruan, Matacoan, Zamucoan and Lengua-Maskoy. In.: ADELAAR, W.F. H. (org.) *The languages of the Andes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 488-499.

- AMARILLA, D. *Agtemágháta Apqueh Hleanma: Pueblo Sanapaná*. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidade Católica (CEADUC). Biblioteca Paraguaya de Antropología, v.62, 2006.
- BRAUNSTEIN, J. e MILLER, E. S. Ethnohistorical Introduction. In.: MILLER, E. S. (org.) *Peoples of the Gran Chaco*. London, Bergin e Garvey Editors, 1999.
- CORDEU, E. J. Textos míticos de los Angaité (Chenanesmá) y Sanapaná. *Scripta Ethnologica*, Buenos Aires, v. 1, n.1, p 199-234, 1973.
- FABRE, A. Los enlhet-enenlhet del Chaco Paraguayo. *Suplemento Antropológico*, Asunción, v.40, n.1, p. 503-570, 2005.
- FABRE, A. Los pueblos del Gran Chaco y sus lenguas, Primera Parte: Los Enlhet-Enenlhet del Chaco Paraguaio. *Suplemento Antropológico*, Asunción, v.40, n.1, p.503-569, 2005.
- KIDD, S. W. The morality of the Enxet People of the Paraguayan Chaco and Their Resistance to Assimilation. In.: Elmer S. M. (org.). *Peoples of the Gran Chaco*. USA, Bergin e Garvey editors, 1999. p.37-60.
- LOUKOTKA, C. *Vocabularios ineditos o poco conocidos Del Paraguay*. Museu Andrés Barbero. Asunción, 1930.
- MELIÁ, B. Las lenguas indígenas en el Paraguay. Una visión desde el Censo 2002. In.: ARGENTER, J. A.; MCKENNA BROWN, R. (orgs). *Endangered Languages and Linguistic Rights on the Margin of Nations*. Proceedings of the Eighth FEL Conference, Barcelona. Foundation of Endangered Languages; 2004. p. 77-88.
- MOORE, D. et al. O desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. *Scientific American Brasil* (Edição Especial), v.3, p.36-43, 2008.
- ROMERO, M et al. *Apkeltennaikamaha Marciano Mendoza aktemakha' apkavakha pankek enenlhet*. Biblioteca Paraguaya de Antropología, Yá'alve-Saanga: Nengvaanemquescama Nempayvaam Enlhet. Asunción, v. 46. 2003.

- SUSNIK, B. J. Eenslit –Áppaiwa. Lengua – Maskoy. Estrutura Gramatical. Parte 1ra. *Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museum Etnografico y Historico Natural Andres Barbero*. Volume II. Asunción, 1958.
- SUSNIK, B. J. Lengua-Maskoy: su hablar, su pensar, su vivencia. *Lenguas Chaqueñas*. Museo Etnográfico Andrés Barbero, Asunción, vol. 6, 1977.
- SUSNIK, B. J. Etnohistoria del Paraguay. *América Indígena*, v. 49, n.3, p. 431-490, 1987.
- UNRUH, E; KALISCH, H. El Diccionario Enlhet “Moya’ansaelha’ Nengelpayvaam Nengeltomha Enlhet”. Marco, Base, Estructura. *Suplemento Antropológico*, Asunción, v. 31, p. 413-441, 1998.
- UNRUH, E; KALISCH, H. Escribir en idioma enlhet para hacer crecer lo propio. *Suplemento Antropológico*, Asunción, v.36, p. 379-385, 1999.
- UNRUH, E; KALISCH, H. *La familia lingüística enleht–enenlhet: un acercamiento a la nación enlhet-enenlhet desde el punto de vista lingüístico*. Escola Ya’alve- Saanga/Chaco Paraguayo, 2001.
- UNRUH, E; KALISCH, H. Enlhet-Enenlhet. Una familia lingüística chaqueña. *Thule, Rivista italiana di studi americanistici*. Italia, v.14/15, p. 207-231, 2003.
- ZANARDINI, J e BIEDERMANN, W. *Los indígenas del Paraguay*. Edición Actualizada. Asunción, 2006.
- ZARRATEA, T. (2009). *Familia lingüística Maskoy*. Disponível em [HTTP://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay](http://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay)>. Acesso em 25 de julho de 2008.